

## SERMÃO DE SANTO ANTÔNIO AOS PEIXES: uma Leitura<sup>1</sup>

Maria do Socorro Pereira de Almeida

Doutoranda em Literatura e cultura na UFPB; Mestre em Literatura e Interculturalidade pela UEPB;  
Professora de Graduação e Pós-Graduação da Faculdade Sete de Setembro, em Paulo Afonso- BA.  
socorroliteratura@hotmail.com

### RESUMO

Esse estudo propõe uma leitura do *Sermão de Santo Antonio aos Peixes*, de Padre Antonio Vieira, no intuito de observar sua visão e ação teológica no tocante à relação entre os colonos e os colonizados no período colonial brasileiro bem como sua prática discursiva e incomparável poder de persuasão. Vieira chega ao Brasil em 1650, dono de uma eloquência invejável ele usava o poder da palavra para apaziguar a situação caótica que se formou na colônia brasileira entre os “donos” da terra e aqueles que se tornaram escravos. Vieira entendia que a mão de obra era necessária, mas não aceitava a maneira como os escravos eram tratados. Assim, durante os sermões, ele aludia aos exemplos e as palavras de personagens bíblicos para tentar conscientizar os envolvidos na situação. Nesse contexto observa-se aqui o estilo vieiriano tanto no que concerne a sua desenvoltura na oratória quanto os aspectos barrocos na sua obra.

**Palavras-chave** Vieira. Oratória. Colonização. Sermão de Sto. Antonio

### ABSTRACT

This study presents a reading of *Sermão do Santo Antônio aos Peixes*, by Padre Antônio Vieira, and it intends to observe his vision and teologic action about the relationship between colonist and colonizer during the brasilian colonial period and it also speaks about his discursive practical and his incomparable persuasion power. Vieira arrived in Brazil about 1650, he was the owner of a wonderful eloquence so he used his power to pacify the chaotic situation that have formed in Brazil between “land owners” and those ones who became slaves. Vieira understood that labour was necessary, but he did not accept the manner slaves were treated. Thus, during his sermons, he referred to local examples and to the use of biblical characters words for trying to make the people involved in that situation aware about the negative action. In this context we observe Vieira’s style in oratory development and and also in baroque aspects in his work.

**Key-words:** Vieira. Oratory. Colonization. Santo Antonio’s Sermon

## INTRODUÇÃO

A relação conflituosa entre opressor oprimido sempre existiu, na conquista das Américas ela é elevada a um grau de crueldade e autoritarismo muito alto. Na perspectiva de descoberta do novo mundo vários países foram invadidos e entre eles o Brasil. Para se ter uma idéia do que aconteceu é só observar a invasão espanhola ao México que, segundo Gruzinski (2001), causou o caos, catástrofes, desordem das coisas e, principalmente, a usurpação da identidade dos que ali viviam, em virtude da imposição da cultura dos invasores aos índios mexicanos. Todas essas consequências Gruzinski vai chamar de “O Choque da conquista”.

Nessa perspectiva, José de Souza Martins em *A chegada do estranho* (1993) aponta para os mitos criados a partir da concepção que o branco tinha do índio mesmo antes de chegar às terras conquistadas, um desses mitos é o canibalismo. Não raro encontra-se em livros que retratam os conflitos dessa época e que foram escritos por brancos, gravuras em que aparecem índios devorando brancos. Na realidade essas gravuras feitas com objetivo de acusar os índios mostram que não foram compreendidas as diferenças culturais de muitas tribos indígenas, uma vez que havia entre algumas delas o costume de comer os inimigos para ter acesso as suas forças. Havia também o canibalismo funerário ou rito antropofágico em que eles comiam os parentes e companheiros que morriam para que o corpo não fosse jogado à terra, seria uma maneira de mantê-los mais

---

<sup>1</sup> Sermão pregado na cidade de São Luiz do Maranhão em 1654.

próximos e não serem abandonados. Percebe-se aí um ritual cultural e não uma maledicência dos indígenas como faziam crer os brancos.

Segundo Martins, em nenhum momento os índios eram vistos pelos invasores como um semelhante, pois os estrangeiros os percebiam como uma raça menor, como aqueles que deveriam ser escravizados, ou seja, que deveriam estar a favor das vontades dos brancos. Assim, o autor revela que para os brancos “os índios não podiam ser assimilados mesmo que convertidos pelos missionários. [...] Não eram, portanto, o outro, uma vez que considerados inassimiláveis mesmo quando já destruídos culturalmente”. (1993, p. 19)

Em se tratando de Portugal e Brasil a situação se repete, a escravidão dos índios e dos negros, esses, “importados” da África pelos conquistadores, de forma arbitrária, como verdadeiros objetos de uso. Assim, conforme a percepção e os interesses daqueles que detinham o poder, esses povos foram submetidos à condição inumana. Dessa forma, ao observar as idéias de Martins, é possível levantar a questão da antropofagia legalizada que viveu e que vivem a sociedade (não no sentido de comer literalmente, mas de usar) com que agiram os estrangeiros ao “consumirem” o outro, tanto pelo trabalho quanto pelos maus tratos corporais e também a situação que vive o homem de hoje que, conforme seus interesses, finda por “sugar” do outro as forças e a capacidade inteligível.

A Invasão às terras brasileiras se deu em 1500 e a colonização começou em 1549. Um dos primeiros jesuítas a chegar ao Brasil, para a catequização dos índios foi o Padre Manoel da Nóbrega, seguido do Padre José de Anchieta. A colonização portuguesa foi tão cruel e desastrosa quanto a dos espanhóis ao México. A pregação do evangelho cristão era usada tanto pelos espanhóis quanto pelos portugueses e o caos dessa conquista vai perdurar durante alguns séculos. Em 1650 aparece uma figura muito importante nesse contexto teológico-social, o Padre Antônio Vieira, orador eloquente que usa o poder da palavra para intermediar a crise entre colonos e colonizados.

Diante do contexto e, sendo o Padre Antônio Vieira uma figura histórico-literária, esse estudo objetiva uma leitura do *Sermão de Sto. Antônio aos peixes*, no intuito de apresentar sua visão ética e moral, também a genialidade discursiva e seu poder de persuasão linguística. Propõem-se também algumas observações sobre a prática de leitura dos sermões vieirianos nas escolas que, não raro, se preocupa só com a forma e perde-se, por isso, a oportunidade de interpretação conteudística de muitas obras desse quilate.

## 1 A ELOQUÊNCIA BARROCA DE ANTÔNIO VIEIRA

Antônio Vieira chegou ao Brasil como um português. Com o passar do tempo sua afinidade com o Brasil o fez considerar-se também brasileiro e foi o Brasil que ele escolheu para passar seus últimos dias de vida. Quanto à situação conflituosa que encontrou se colocou como mediador da paz através de conselhos e reflexões que constituíam sua oratória.

O padre recriminava a escravidão, mas por outro lado reconhecia a necessidade do trabalho escravo, porém não aceitava a crueldade com que eram tratados os escravos, nessa perspectiva ele comunga com as idéias de Montesinos que repugnava as atrocidades do opressor aos oprimidos como se vê em *O Sermão de Santo Domingo de Adviento*, de 1511, quando ele diz:

Todos estais em pecado mortal y em él vivis y moris, por la crueldad y tirania que usais com estas inocentes gentes. Decid, com que derecho y com que justicia tenéis em tan cruel y horrible servidumbre a estos índios? Con que autoridad hábeis hecho tan detestables guerras a estas gentes gente que esstaban em sus tierras mansas y pacíficas, donde tan infinitas de ellas, com muertes y estragos nunca oidos,

hábeis consumido? Como los teneis tan opresos y fatigados, sin darles de comer ni curarlos em sus enfermedades, que de los excesivos trabajos que lê dais.

Observe-se que Montesinos condenava ação tirânica dos opressores, ele alega a passividade com que as pessoas trabalhavam mesmo em condição escrava, não entendia o porquê de tanta violência se àquela gente era impossível a reação, pois não tinham poder de luta, eram maltratados e não possuíam armas.

Muitas vezes o sistema empregado em vários contextos atribui conceitos, regras e convenções para o emprego ou estudo de determinados assuntos. Isso acontece em todas as áreas, assim, o ensino não foge a regra. A Literatura é passada nas escolas brasileiras a partir dos movimentos literários e esses, por sua vez, são informados com suas respectivas características e predominância de forma. Este tipo de leitura de obras literárias faz com que jovens adquiram visão errônea, parcial e artificial sobre determinados fatos e textos. É exatamente isso que acontece com a obra de Vieira. Ele aparece na literatura em um contexto do chamado movimento Barroco, sendo um dos seus maiores representantes, porém é pouco observada sua importância histórica na época colonial, seu teor conteudístico e suas facetas literárias, em prol de uma visão que visa apenas a forma conceptista.

Pode-se dizer que Vieira foi um dos maiores escritores de língua portuguesa, seus sermões espalharam-se e ficaram conhecidos em todo mundo em virtude de sua eloquência, da sua persuasão discursiva, da sua estratégia linguística e, sobretudo, do seu conteúdo criativo e tocante, alicerçado pelas metáforas e alegorias magistralmente distribuídas em seus sermões, numa obra extensa e vária que ainda hoje chama a atenção de estudiosos.

Bosi (1992, p.119) afirma que Vieira foi “um jesuíta conselheiro de reis, confessor de rainhas, preceptor de príncipes, diplomata em cortes europeias e defensor dos cristãos novos”. Pode-se dizer que Vieira era um homem com os olhos postos no mundo e no futuro, pronto para lutar, usando como arma a palavra e defendendo seus princípios e ideais. Assim ele pregava para atingir tanto aos poderosos quanto aos fracos e oprimidos, conduzindo-os até sua própria verdade. Dessa forma, dentro dessa verdade do “profeta” e de sua inigualável perspicácia com as palavras, observaremos alguns pontos importantes do referido sermão:

Vós. Diz Cristo, senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhe sal da terra porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção, mas quando a terra se ver tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que tem ofício de sal, qual será, ou qual pode ser, a causa dessa corrupção? Ou é porque o sal não salga ou é porque a terra não se deixa salgar. Ou é porque o sal não salga e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra não se deixa salgar e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga e os pregadores dizem uma coisa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que eles dizem. Ou é porque o sal não salga e os pregadores se pregam a si, e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem aos seus apetites. Não é tudo isso verdade? Ainda mal! ( 2005, p. 43)

Como regia na época a linguagem conceptista, é notável o uso dos hipérbatos que consiste na troca de palavras no verso ou na frase, invertendo-lhes a posição, deixando a linguagem mais complexa, porém sem tirar-lhe o sentido. Outro aspecto forte no discurso do sacerdote é o uso de silogismo, de alegorias e de inversão frasal. No primeiro verso, por exemplo, se poderia dizer (Vós sois o sal da terra. Diz Cristo, senhor nosso...). No entanto Vieira inicia com o pronome (vós), que no texto permite uma invocação de quem o houve, bem como de quem ler, coloca em princípio a fala de Cristo, (Diz Cristo, senhor nosso, falando com os pregadores) através de um discurso indireto, para só depois colocar o seu propósito no texto (sois o sal da terra), ou seja, o porquê de ter chamado atenção do ouvinte.

Esse sermão é feito a partir do conflito entre colonos que reivindicavam novamente a posse de seus escravos, fato que fugiu ao controle dos Jesuítas. Na primeira parte do sermão há uma paráfrase às palavras de Cristo e o uso de duas alegorias o sal e a terra para expressar sua opinião sobre a postura do clero, a falsa moral e a hipocrisia da Igreja. Mostra que a palavra só tem valor quanto é dita humanamente e não apenas por dizer. Dessa forma, observa-se uma retomada do provérbio “faça o que digo, mas não faça o que eu faço”, para mostrar que a posição do Clero é, exatamente a de não fazer o que prega. Assim, se tem uma reflexão que parte da condição universal do homem, porque e para que estou aqui? Como é próprio de uso vieiriano o silogismo, é através dele que o padre chega a conclusão do seu pensamento:

Se o sal perder a substância e a virtude, e o pregador faltar a doutrina e ao exemplo, o que se lhe há de fazer é lançá-lo fora como inútil para que seja pisado de todos” [...] Assim como não há quem seja mais digno de reverência e de ser posto sobre a cabeça que o pregador que ensina e faz o que deve; assim é merecedor de todo o desprezo e de ser metido debaixo dos pés, o que com a palavra, ou com a vida prega o contrário. (2005, p. 44)

Dentro de um jogo de idéias e como bom conceptista que era, Vieira traz a narrativa interior de cada um. Os pregadores tinham uma missão e se esta não era alcançada vale a reflexão, reflexão essa que expurga os malefícios humanos que buscam apenas o poder e os bens materiais.

O padre aponta para todas as classes, nobres, burgueses, colonos, negros e índios como se vê em vários sermões, alguns assinalados por Bosi (1992,134), “A defesa dos índios contra os colonos do Maranhão é assunto do “Sermão da epifania” pregado na Capela Real em 1662. [...] Já a escravidão negra é tema dos sermões do Rosário XIV, XVI, XX e XXVII”. (1992, p. 143). No sermão em estudo o orador aborda o poder, a cobiça, a relação entre opressor e oprimido.

Vieira alude ao sermão de Santo Antonio e, metaforicamente fala aos peixes para pregar a moral e a ética. Essa parte do sermão ele divide em duas, na primeira ele louva as virtudes e na segunda recrimina os vícios, os comportamentos amorais e antiéticos, assim ele vai, gradativamente, enumerando os pecados e recriminando-os em conformidade com os dez mandamentos.

Fala da ganância que não respeita os mortos que são “comidos” pelos seus herdeiros “morreu algum deles, vereis logo tantos sobre o miserável a despedaçá-lo e comê-lo. Comem-no os herdeiros, comem-no os testamentários, comem-no os legatários, comem-no os acredores, oficiais, órfãos...”(2005, p. 59). Observa-se então que as idéias de Vieira em relação ao canibalismo não são diferentes das de Montesinos, citado anteriormente. Ambos mostram que os índios tinham essa prática corporal como ritual e respeito aos mortos, Já os brancos “comiam” seus mortos no sentido de tirar-lhes tudo o que havia deixado de bens materiais, de usufruir de suas posses e acumular riqueza, dessa forma os eclesiásticos condenam a ganância dos colonizadores

O poeta e o escritor guardados no orador fluem vez por outra nas expressões magistralmente usadas por ele. Ao começar o Sermão aos “peixes” ele faz uma invocação à Nossa Senhora para alcançar o intento de atingir aos ouvintes, ou seja, de ser o sal para aquela terra, assim ele diz: "O mar está tão perto que bem me ouvirão. Os demais podem deixar o sermão, pois não é para eles. Maria, quer dizer, *Domina Maris* “Senhora do mar”, e posto que o assunto seja tão desusado, espero que não falte a costumada graça. Ave Maria." (2005, p. 45)

Na sua fala Vieira explora a símile para se fazer entender, ele faz a comparação do homem com o peixe no intuito de mostrar a perecibilidade da alma humana que se deixa levar pelo encantamento do poder então, falando aos peixes, ele diz:

Haveis de saber irmãos peixes, que o sal, filho do mar como vós, tem duas propriedades, as quais em vós mesmos experimentam: conservar o são e preservá-lo para que se não corrompa. Estas mesmas propriedades tinham as pregações do vosso pregador Santo Antonio. Como também os deve ter as de todos os pregadores. (2005, p. 46)

Nesse momento o padre faz a comparação entre o sal do mar, que salga o peixe para que ele viva e não apodreça, com o sal da terra (a palavra de Deus) que, antes de tudo, tem a função de purificar e conservar os espíritos humanos para que não se esqueçam dos ensinamentos de Deus e não “apodreçam” de materialismo, ambição e egoísmo. Vieira, como afirma BOSI(2002/58): "crê que só Deus é onisciente, mas que mediante sucessivas revelações, ele pode tirar os homens da ignorância, no que toca aos futuros contingentes, para que o homem não atribua a causas naturais (e muito menos ao acaso) os efeitos que vem sentenciados como castigos por sua justiça e ordenados para mais altos e ocultos fins por sua Providência"

Para Vieira o homem deve ser bom e ético enquanto está vivo. É nas atitudes que deve prevalecer o sal dado pelos pregadores. O sermão é colocado de modo que fiquem claras tanto as atitudes corretas quanto as erradas para que o homem possa ponderar sobre suas ações. Nessa perspectiva ele usa a ironia quando diz:

Suposto isso, para que procedamos com clareza, dividirei, peixes, o nosso sermão em dois pontos: no primeiro louvar-vos-ei as vossas virtudes, no segundo repreender-vos-ei os vossos vícios. E desta maneira satisfaremos as obrigações do sal, que melhor vos está ouvi-los vivos que vos experimentais depois de mortos. (2005, p. 46)

A partir daí o orador expressa sua opinião crítica e louvores às atitudes e comportamentos humanos, sempre dentro de uma perspectiva que lhe era peculiar, de persuadir através do jogo de idéias. Peculiar porque, embora muitas das características vistas em Vieira fizessem parte de uma época, a sua maneira era singular. Ele não foi apenas um orador, mas um pensador, político, filósofo, poeta, prosador, humanista e, sobretudo, um homem que expressou em palavras o tempo em que viveu.

Vieira pregava através de sermões, mas isso não o impedia de usar a ironia, como se vê no fragmento a seguir quando, diante as virtudes dos “peixes” ele alude ao comportamento racional do homem e mostra como inferior: “Poderia cuidar que os peixes se tinham convertido em homens, e os homens, não em peixes, mas em feras. Aos homens deu Deus o uso da razão e não aos peixes, mas nesse caso os homens tinham a razão sem uso e os peixes, o uso sem a razão”. (2005, p. 48)

Na continuação do sermão observam-se vários exemplos dados para as virtudes e para os vícios assim como também é exemplificada a redenção da alma através dos sofrimentos, das amarguras, que fazem parte da vida e muitas vezes servem como aprendizado. Esse aspecto fica claro no caso de Tobias, “Fê-lo assim Tobias e perguntando que virtudes tinham as entranhas daquele peixe que lhe mandara guardar, respondeu o anjo que o fel era bom para sarar da cegueira, e o coração para lançar fora os demônios” (2005, p. 51)

Muitos outros exemplos são acolhidos por Vieira nos sermões, sempre dentro do objetivo que ele deseja atingir. Assim ele vai expondo a condenação aos males que cobrem o mundo, vindos pelo homem independente da classe ou da cultura. São as fraquezas, as quais os homens estão vulneráveis pela sua própria condição de ser humano e que devem ser superadas pela hombridade da alma que deve prevalecer às tentações dos malefícios.

Vejo, peixes, que pelo conhecimento que tendes das terras em que batem os vossos mares, me estais respondendo e convindo, que também nelas há falsidades, enganos, fingimentos, embustes, ciladas e muito maiores e mais perniciosas traições. E sobre o mesmo sujeito que defendeis, também podereis aplicar aos semelhantes outra propriedade muito própria; mas pois vós a calais, eu também a calo. Com grande confusão, porém, vos confesso tudo, e muito mais do que dizeis, pois não o posso negar. (2005, p. 73)

Vieira acrescenta ao sermão, como houvera prometido, além dos louvores, as repreensões aos atos e falhas humanas e a relação opressor e oprimido; colonizador e colonizado; poder e dever; fortes e fracos, porém o faz sempre através de metáforas e símiles, alegorias e, um ludismo linguístico impressionante. Assim ele usa o exemplo de Jô na parte IV do sermão. Dessa forma ele coloca os valores e convenções divinas e o desprezo do homem a essas doutrinas da salvação.

Tenho acabado, irmãos peixes, os vossos louvores e repreensões, e satisfeito, como vos prometi, às duas obrigações do sal, posto que do mar, e não da terra: *Vos estis sal terrae*. Só resta fazer-vos uma advertência muito necessária, para os que viveis nestes mares. Como eles são tão esparcelados e cheios de baixios, bem sabeis que se perdem e dão à costa muitos navios, com que se enriquece o mar e a terra se empobrece. Importa, pois, que advirtais, que nesta mesma riqueza tendes um grande perigo, porque todos os que se aproveitam dos bens dos naufragantes, ficam excomungados e malditos.

Esta pena de excomunhão, que é gravíssima, não se pôs a vós senão aos homens, mas tem mostrado Deus por muitas vezes, que quando os animais cometem materialmente o que é proibido por esta lei, também eles incorrem, por seu modo, nas penas dela, e no mesmo ponto começam a definhir, até que acabam miseravelmente”. (canto V – 2005, p. 74)

Observa-se que o Padre vai colocando sempre dois lados de cada situação, dando um contexto dual da vida e do mundo. Essa perspectiva remete a dualidade barroca ao tempo em que mostra ao homem seu poder de escolha entre o bem e o mal. Dessa forma, Vieira faz perceber que o livre arbítrio é mais que uma opção, é uma responsabilidade dada ao ser humano.

Dentre os momentos marcantes do sermão um merece destaque, que é o início das repreensões, “antes, porém que vos vades, assim como ouvistes vossos louvores, ouvi também agora vossas repreensões”. Vieira sempre, singularmente irônico e usando um saber de Mestre que lhe era inerente, aponta a vergonha da natureza humana:

A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrário, era menos mal. Se os pequenos comeram os grandes, bastaria um grande para muitos pequenos; mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande. Olhai como estranha isto Santo Agostinho: *Homines pravis, praeversisque cupiditatibus facti sunt, sicut pisces invicem se devorantes*: «Os homens com suas más e perversas cobiças, vêm a ser como os peixes, que se comem uns aos outros.» Tão alheia cousa é, não só da razão, mas da mesma natureza, que sendo todos criados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma pátria e todos finalmente irmãos, vivais de vos comer! Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo, mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. (2005, p. 58)

O orador foi e é, na verdade, a expressão de um homem que queria um mundo com menos desigualdades e atrocidades entre o poder e o povo. Pode-se dizer que o padre foi, até certo ponto, um transgressor dos limites do seu tempo, porque não se isentou de participar das ações políticas da época, em um contexto em que a Igreja, com a qual estava diretamente ligado, estava também diretamente ligada ao poder. Vieira foi calado, mas lutou pelo seu direito a palavra, porém a decepção e a desilusão lhe foram inevitáveis, por isso acabou seus dias isolado sem, contudo, deixar de fazer jus aos seus pensamentos através da escrita.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse estudo foi possível observar que os aspectos barrocos ficam claros no discurso do padre, mas é preciso que se tenha uma visão interpretativa de seus sermões. Nos estudos feitos sobre o orador

seiscentista lhe são aferidos os aspectos convencionais da literatura da época, mas é de suma importância que sua obra seja vista por outros ângulos que lhe compete a grandeza literária de sua época e de homem consciente dos conflitos de seu tempo em todas as escalas que cercam o homem, política, social e teológica.

#### REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002
- BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo, Companhia das letras, 1992
- GRUZINSKI, Serge. **O Pensamento Místico**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001
- MARTINS, José de Souza, **A Chegada do estranho**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- MONTESINOS, Antônio de. **Sermão de Santo Domingo advento de 1511**. Disponível em:<  
[http://webs.advance.com.ar/pfernando/DocsIglLA/Montesinos.htm#N\\_2\\_](http://webs.advance.com.ar/pfernando/DocsIglLA/Montesinos.htm#N_2_)>. Acesso em: set 2009
- VIEIRA, Antonio. **Sermões Escolhidos**. São Paulo: Martin Claret, 2005.